

**Ecologia da Comunicação, biotempo e mídia primária:
relações entre o pensamento de Vicente Romano García e Harry Pross**

*Ecología de la Comunicación, biotempo y medio primario:
relaciones entre el pensamiento de Vicente Romano García y Harry Pross*

Luiz Guilherme Leite AMARAL¹

Resumo

Este estudo se propõe a compreender o pensamento de Vicente Romano García a respeito da Ecologia da Comunicação, o biotempo e as mídias primárias de Harry Pross. Utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica de parte da literatura dos autores que tratam a respeito da Ecologia da Comunicação, o biotempo e as mídias, sobretudo a primária. Nesse contexto, identifica-se que a Ecologia da Comunicação critica a forma com que os meios de comunicação se apropriam das tecnologias para regular o tempo e as relações do corpo humano. Assim, propõe-se refletir sobre como a atenção às relações saudáveis e o uso responsável das TIC podem propiciar o resgate do respeito ao tempo do corpo, o lazer, a educação e a utilização do espaço público, entre outros fatores.

Palavras-chave: Vicente Romano. Harry Pross. Comunicação. Mídias. Ecologia da comunicação.

Resumen

Este estudio se propone a comprender el pensamiento de Vicente Romano García a respecto de la Ecología de la Comunicación, el biotempo y los medios primarios de Harry Pross. Se ha utilizado como metodología la revisión bibliográfica de parte de la literatura de estos autores que tratan de la Ecología de la Comunicación, el biotempo y los medios, sobre todo el primario. En este contexto, se ha identificado que la Ecología de la Comunicación es una crítica a la forma con que los medios de comunicación se apropian de las tecnologías para regular el tiempo y las relaciones del cuerpo humano. Así, se propone reflexionar sobre cómo la atención a las relaciones saludables y el uso responsable de las TIC pueden propiciar el rescate de lo respecto al tiempo del cuerpo, el asueto, el tiempo libre, la educación y la utilización del espacio público, entre otros factores.

Palabras-clave: Vicente Romano. Harry Pross. Comunicación. Medios. Ecología de la Comunicación.

¹ Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Bolsista CAPES).
E-mail: luizamaralphd@gmail.com

Introdução

A Ecologia da Comunicação, trazida pelo teórico Vicente Romano García, preconiza que é necessário estabelecer uma relação harmoniosa entre o ser humano e o meio em que ele vive, e que isto pode ser alcançado a partir de uma comunicação que seja responsável, educadora e que restabeleça as relações interpessoais. Como o próprio autor define (2004), a Ecologia da Comunicação é um ramo relativamente novo: a teoria surge originalmente em 1989 e abre caminho para que autores em diversos idiomas comecem a difundir-la e aprofundá-la até que se chegue ao estágio atual. Neste estudo, pretendemos nos debruçar no conceito central da Ecologia da Comunicação, sobretudo ao que concernem os quatro elementos fundamentais que Romano julga serem essenciais para o desenvolvimento de uma comunicação ecológica, quais sejam: a) técnicos; b) sociais; c) científicos e d) individuais (2004).

Antes, porém, é mister que nos situemos no que é definida como Ecologia da Comunicação para que seja possível avançar nos conceitos que são trazidos nesta teoria. Já de saída identifica-se o viés marxista do autor, que desenvolve seu raciocínio a partir do materialismo histórico dialético, tomando em consideração as relações existentes nas *infraestrutura e superestrutura* e como a comunicação se comporta — ou deveria se comportar — dentro desta dialética. Neste viés, reside no vínculo entre ser humano e ser humano, ou entre ser humano e máquina, uma dimensão ética e ecológica.

Romano defende a ideia de que a disparidade existente entre comunicação pessoal e técnica tem causado desequilíbrio na homeostase espiritual do ser humano, ou seja, vemos um efeito em que a colaboração, as relações interpessoais em todos os níveis e as noções de coletividade são derrotadas por uma prática individualista e calcada no uso impensado da tecnologia. A crítica de Zygmunt Bauman sobre o mundo líquido, em todas as suas instâncias, ressoa nas palavras de Romano, na medida em que a impessoalidade e a efemeridade das relações transformam o ser humano em alguém que tem dificuldades de se integrar ao meio em que vive.

Tendo como premissa a tese de que o ser humano é produto dos intercâmbios, ações e experiências existentes entre eles e o meio em que vivem (2004), urge que haja uma reciprocidade entre meio ambiente e ser humano, entre local de trabalho e ser

humano, entre ser humano e máquina. "Como ser vivo, o homem² (sic) íntegro interage com seu meio ambiente humano, a sociedade. (...) Cabe perguntar, portanto, até que ponto a personalidade pode influenciar e modelar a personalidade e o meio ambiente e as condições de vida e trabalho" (ROMANO, 2004, p. 49). Esta preocupação com o conjunto de condições naturais que rodeiam o ser humano e como se dá esta interação é o que norteará o desenvolvimento da Ecologia da Comunicação:

Como afirmam os autores do *Manifesto ecologista*, a ecologia "aporta ou investiga novos conceitos para pensar o complexo, a finitude, o movimento, os fenômenos emergentes, a irredutibilidade do todo em partes, a interação, a interdependência no tempo e espaço etc" (ROMANO, 2004, p. 48).³

A Ecologia da comunicação é também uma crítica à tecnificação. Romano segue as ideias de Thomas Muntschick para complementar sua tese ao afirmar que "a tecnificação e comercialização da comunicação levaram à industrialização, com o objetivo de converter o ser humano em receptor ideal" (ROMANO, 2004, p. 147). Diz ainda:

Os meios aparecem como instrumento sistemático para a dissolução da comunicação pessoal. A colonização tecnológica e cultural do Terceiro Mundo corresponde à colonização da vida cotidiana do Primeiro Mundo, acelerada mediante alteração na estrutura perceptiva, provocado pelas estruturas produtivas das sociedades altamente desenvolvidas" (ROMANO, 2004, p. 147).⁴

O que Romano defende ao longo de seu trabalho é que é necessário que a Ecologia da Comunicação não seja apenas uma visão pessimista sobre o mundo, sem contribuir com algo que possa melhorar a vida das sociedades. Ele mostra, assim, que a Ecologia da Comunicação tem a missão de libertar os meios de comunicação de uma supersimplificação, em que se tornam apenas meios de produção útil. Ao invés da

² Como subscritores do feminismo, preferimos o termo *ser humano* ao invés de *homem*, portanto, marcaremos a utilização desta expressão com *sic* quando necessário.

³ No original: Como afirman los autores del Manifesto Ecologista, la ecología "aporta o investiga nuevos conceptos para pensar lo complejo, la finitud, el movimiento, los fenómenos emergentes la irreductibilidad del todo a las partes, la interacción, la interdependencia en el tiempo y el espacio etc".

⁴ No original: Los medios aparecen como instrumento sistemático para la disolución de la comunicación personal. La colonización tecnológica y cultural del Tercer Mundo se corresponde con la colonización de la vida cotidiana en el Primero, acelerada mediante el cambio en la estructura perceptiva, provocado por las estructuras productivas de las sociedades altamente desarrolladas.

comunicação ser algo altamente tecnificado, que esvazia o espírito, a Ecologia da Comunicação pretende auxiliar no restabelecimento de uma comunicação que produza e conserve relações e experiências. Com isso, as sociedades podem se apropriar da história e das formas de produção, estabelecendo um vínculo entre comunicação e ecologia humana.

Romano dá alguns caminhos para que isto aconteça. Em se tratando de uma crítica tanto quanto uma tese, ele mostra que o questionamento dos modos atuais de se produzir e tecnificar a comunicação para servir ao capitalismo desenfreado abre uma porta para que as sociedades possam ir em direção a uma comunicação mais humana e responsável. Assim, ele elenca alguns questionamentos:

1) Como os seres humanos querem se comunicar uns com os outros, e que atitudes tomar ante o meio interno, social e natural; 2) que exigências se derivam disto para a organização das condições tecnológicas da comunicação; 3) até que ponto é factível criar ou conservar relações satisfatórias com o meio interno, social e natural; 4) quais são as necessidades humanas de informação e comunicação; 5) como sensibilizar a percepção para as necessidades comunicativas, como orientar a ação comunicativa de modo que não apenas se leve em consideração o aspecto tecnológico, mas também o espiritual, social e ecológico (ROMANO, 2004, p. 12).⁵

Para responder a estas perguntas, Romano compreende que é necessário repensar a realidade e o emprego dos meios pelos receptores, e vice-versa, dos receptores pelos meios (ROMANO, 2004, p. 13). Para tal, Romano sustenta que é necessário desenvolver teorias sólidas que possam servir como princípios reguladores da ação comunicativa (p. 13), criando também conceitos práticos para a comunicação ecológica, situando o como, quando, onde ou porquê se deve utilizar as *Tecnologias de Informação e Comunicação* (TIC) a curto e longo prazos para aumentar a qualidade de vida, o bem-estar do ser humano e a riqueza social (p. 13). Por fim, é preciso investigar as contradições dos sistemas atuais de comunicação e apontar maneiras de superá-las (p. 13).

⁵ No original: 1) Cómo quieren comunicarse unos con otros los seres humanos, qué actitud tomar ante el medio interno social y natural; 2) Qué exigencias se derivan de esto para la organización de las condiciones tecnológicas de la comunicación; 3) Hasta qué punto es factible crear o conservar relaciones satisfactorias con el medio interno, social y natural; 4) Cuáles son las necesidades humanas de información y comunicación; 5) Cómo sensibilizar la percepción para las necesidades comunicativas, cómo orientar la acción comunicativa de modo que no solo tenga en cuenta el aspecto tecnológico, sino también el espiritual, social y ecológico.

Como contradições, Romano aponta para a precariedade do trabalho e das relações interpessoais, em que a industrialização reduz o ser humano a mero receptor e/ou consumidor. Para ele, isto é um equívoco dentro da proposta da Ecologia da Comunicação, afinal de contas, existe o pressuposto de que na biosfera tudo está inter-relacionado, assim como na própria comunicação. Portanto, a tarefa da comunicação é a de habilitar os princípios de autorregulamentação e homeostase das relações humanas:

A competência comunicativa compreende, essencialmente, o seguinte: a capacidade de perceber o entorno natural e social, e expressar as necessidades próprias de interação com o entorno. Isto pressupõe experiências correspondentes em situações sociais e espaços experimentais (ROMANO, 2004, pp. 14-15).⁶

Quando trata dos *espaços experimentais*, Romano se refere à perda de sensorialidade provocada pela midiaticização. Os meios de comunicação foram sequestrados pelo capitalismo e a industrialização, e isto faz com que não se tenha mais tanto contato pessoal como se é esperado dentro da Ecologia da Comunicação. A imaginação é o que se sobrepõe nas relações, seja com a televisão ou, mais atualmente, com a internet e as redes sociais. A publicidade, na tentativa de criar “experiências” em tudo que oferece, ora acerta e ora derrapa neste quesito. Acerta quando promove eventos de socialização no mundo físico, como oferecer “experiências únicas” ou “inesquecíveis” em promoções de hotéis, parques ou eventos esportivos. Derrapa quando tenta alcançar a mesma coisa ao oferecer “usabilidade” em aplicativos de celular ou *websites*. Para a Ecologia da Comunicação, a “experiência” não pode estar constricta em um dispositivo eletrônico, pois ele tolhe toda a essência do que é ser humano — suas idiossincrasias, sua dialética e suas experiências *reais*. “Quanto mais se aplicam as TIC ou os meios na comunicação cotidiana, mais se reforçarão os processos de descontextualização, de perda de lugar, tempo e sensorialidade na comunicação e na experiência” (ROMANO, 2004, p. 17).

Desta forma, Romano enaltece que as relações sociais devam ser a ênfase em todo o processo de apreensão dos conceitos da Ecologia da Comunicação. Para isto, há a exigência de que se criem as condições ideais no entorno natural e social vivo, e que haja um desprendimento do diálogo pessoa-máquina. “Trata-se de ‘lugares de tempo’, lugares

⁶ No original: La competencia comunicativa comprende, en lo esencial, lo siguiente: capacidad para percibir el entorno natural y social y expresar las necesidades propias en interacción con los del entorno. Esto presupone correspondientes en situaciones sociales y espacios experimentales.

de encontro, de entrar em contato: mercados, praças, campos esportivos, pátios, cafés, igrejas etc” (ROMANO, 2004, p. 18). Neste sentido, é o *instante* que deve imperar nas relações humanas, talvez até na tentativa de resgatar um tempo em que não havia aparelhos digitais como há hoje.

Ainda sobre a experiência, Romano articula que os espaços estão se perdendo por conta das mediações nas relações. Para ele, tal mediação deveria ser uma condição secundária, uma vez que é sobretudo nos espaços experimentais que se desenvolve a formação da personalidade, da linguagem e a capacidade de se relacionar. Significa, então, que é necessário reivindicar e fomentar os espaços experimentais — cotidiano, a conversa, o trabalho, o lazer, o encontro — pois é neles em que ocorre o pleno desenvolvimento do ser humano e da comunicação.

Romano nos traz uma série de questionamentos sobre como se poderia concretizar a plenitude da consciência sobre a Ecologia da Comunicação. Ele elenca diversos elementos que devem ser pensados, dentro ou fora do universo acadêmico, para que o ser humano possa, em última análise, desenvolver uma ética comunicacional que permeie todas as relações. Ele questionará o que se chama *sociedade da informação*, na medida em que ela seja o resultado da midiatização desenfreada e da técnica enquanto substituta das relações interpessoais. Fala também sobre as relações sociais, temporais e espaciais para que se adquira uma competência comunicativa que possibilite a aprendizagem e um uso responsável das TIC.

Além disso, Romano disserta sobre formas de não nos convertermos em uma “cibernocracia”, ou seja, sucumbir à compreensão mecanicista da comunicação, fruto da utilização da comunicação como regulação tecnológica. Para isso, ele aborda a própria condição humana como um fator que pode nos impelir de tal destino. Ele menciona a criatividade, a diversidade e a produtividade como premissas de autorregulação dos processos de comunicação humana, mas também quais medidas de organização, institucionais e tecnológicas são necessárias para alcançar a comunicação necessária.

Estas questões são necessárias pois elas objetivam a organização da teoria da Ecologia da Comunicação, que pretende “romper com os limites entre meios de massa e meios de comunicação individuais, abandonar os conceitos estreitos de causa-efeito, analisar cada vez mais o lado tecnológico dos meios e das TIC e incluir na investigação os fatores econômicos” (ROMANO, 2004, p. 23). Para isso, ele se apropriará de uma série

de conceitos que nos guiam para a formulação completa do seu pensamento, como veremos nas seções seguintes.

A ecologia da comunicação

Romano utiliza o conceito de *ecologia* de uma forma bastante direta, e coloca esta ideia no centro de sua Ecologia da Comunicação. Com base em Ernst Haeckel, classifica a ecologia como "as relações do organismo com o mundo exterior que o rodeia, entre o que se pode contar, em sentido amplo, todas as condições de vida" (ROMANO, 2004, p. 46). Busca também suporte em Leonardo Boff ao dizer que "a ecologia é um saber sobre relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, em todos os pontos e em todos os momentos" (BOFF apud ROMANO, 2004, p. 47). E completa:

Entre seus principais aportes, e frente à utopia desenvolvimentista dos comunistas que exerceram o poder, e frente ao capitalismo desenfreado, a ecologia traz a noção mais realista de limite, ou seja: que os recursos evoluem em função dos conhecimentos científicos, das inovações técnicas e dos saberes práticos, das formas de vida. Mais ainda, que a colaboração e cooperação humanas necessárias para a solução de problemas ecológicos requerem formas diversas de relação, intercâmbio, associação etc., muitas das quais ainda não de serem descobertas" (ROMANO, 2004, P. 48).⁷

Ainda que Romano traga neste bojo uma crítica a respeito das teorias políticas no que tange à incapacidade de dar conta desta interdependência, no sentido de que nenhuma delas consegue resolver o problema da comunicação com suas próprias ferramentas, ainda assim sustenta que no materialismo histórico dialético há uma plataforma para que a Ecologia da Comunicação possa vigorar. A dialética entre a infraestrutura e a superestrutura se torna palco para que se possa viabilizar a Ecologia da Comunicação. Por isso, o pensamento marxista de Vicente Romano revitaliza o conceito clássico de ecologia, em que *oikos* não é apenas o *lugar*, *refúgio* ou *segurança*, mas uma completude de elementos que interagem entre si. "A Ecologia da Comunicação pretende averiguar até

⁷ No original: Entre sus principales aportaciones, y frente a la utopía desarrollista de los comunistas que ejercieron el poder y frente al desenfreno capitalista, la ecología aporta la noción más realista de límite, a saber: que los recursos evolucionan en función de los conocimientos científicos, de las innovaciones técnicas, de los saberes prácticos, de las formas de vida. Más aún, que la colaboración ya la cooperación humanas necesarias para la solución de los problemas ecológicos requieren formas diversas de relación, intercambio, asociación etc., muchas de las cuales están aún por descubrir.

que ponto pode-se criar, com a comunicação, comunidades onde o mundo pareça como um meio próprio onde o ser humano se sinta confortável” (ROMANO, 2004, p. 149). Diz ele também, ainda na esteira do marxismo:

K. Marx e F. Engels previam a sociedade comunista do futuro como uma organização social “em que os produtores associados regularão racionamento e por si próprios suas relações com a natureza”. Apontaram também uma possível solução ao problema ecológico com o desenvolvimento do seu método dialético, o questionamento da propriedade privada com direito ilimitado de uso e abuso da terra (...). Desgraçadamente, o desenvolvimentismo ao extremo imposto por J. Stalin e seus seguidores iludiram tais abordagens, empreendimentos e práticas de competição com o capitalismo que conduziram às conhecidas catástrofes ecológicas e sociais da extinta União Soviética e de outros países de “socialismo realmente existente” (ROMANO, 2004, pp. 47-48).⁸

Aqui fica explícito que Romano compreende que todos os modelos políticos e econômicos possuem falhas, e com o comunismo não seria diferente. Esta humildade de não elevar o marxismo a um patamar de perfeição, por mais que seja um projeto com o qual a Ecologia da Comunicação esteja completamente conectada, faz-nos entender que a própria Ecologia da Comunicação é uma via que pode encontrar seus caminhos também no capitalismo, desde que se tome os devidos cuidados, como vem sendo explicado ao longo deste texto. A Ecologia da Comunicação sustenta que o descompasso entre a comunicação pessoal e a influência da técnica causa uma perda da “homeostase espiritual interna”, quer dizer, a comunicação tem uma dimensão ecológica e ética, e quando a técnica se sobrepõe ao dialogismo inerente ao ser humano, ocorre uma quebra nos processos naturais e éticos das relações interpessoais. Esta “perda de presença” do eu ou do outro também é afetada pela colonização do biotempo subjetivo por monólogos permanentes da técnica. Vamos explicar.

De acordo com Romano (2005), *biotempo subjetivo* é a constatação de que o ser humano tem o seu próprio tempo — a idade —, mas que este é achacado pelo tempo do

⁸ No original: K. Marx y F. Engels preveían la sociedad comunista del futuro como una organización social “en la que los productores asociados regularán racionalmente y por sí mismos sus relaciones con la naturaleza”. Ellos apuntaron también una posible solución al problema ecológico con el desarrollo de su método dialéctico, el cuestionamiento de la propiedad privada como derecho ilimitado de uso y abuso de la tierra, las ideas de planificación central etc. Desgraciadamente, el desarrollismo a ultranza impuesto por J. Stalin y sus seguidores eludió estos planteamientos, emprendiendo prácticas de competición con el capitalismo que condujeron a las ya conocidas catástrofes ecológicas y sociales de la extinta URSS y de los otros países del “socialismo realmente existente”.

calendário — as datas. O biotempo subjetivo é substituído pelo tempo do trabalho, dos estudos e do lazer, sobretudo o lazer calcado na alienação por meio da técnica — ou seja, sair do trabalho, voltar para casa, ligar a TV e não conversar com ninguém. Conforme explica Romano:

O biotempo subjetivo é o tempo biológico, determinado pela idade, e não o tempo de calendário, determinado pela data. E é este que, ao impor seus ritos de calendário, exerce violência simbólica contra o indivíduo. Entre os ritos de calendário da sociedade industrial desenvolvida estão os momentos de férias, grandes ou pequenas, os tempos fixos e ritualizados do trabalho, as fixações calendáricas da idade pelo Estado (idade escolar, adulta, de aposentadoria etc.), entre outras. Assim, o tempo ritualizado do trabalho classifica a população em quatro grupos: 1) crianças que ainda não estão incluídos no ritmo de trabalho; 2) os grandes grupos de empregados, com ritmo de trabalho fundamentalmente industrial; 3) os veteranos que já saíram do ritmo de trabalho; e 4) grupos marginalizados ou parados. Participar ou não participar do ritmo de trabalho é também questão de validade, e não somente de garantia de existência (ROMANO, 2005, online).⁹

Assim, a Ecologia da Comunicação tem o propósito de reequilibrar esta homeostase espiritual, fazendo com que o ser humano possa utilizar do tempo do trabalho como algo mais humano e realizador, e não somente um cumpridor de tarefas ou burocrata. Mas não apenas isso: a Ecologia da Comunicação é um termo técnico para uma nova crítica da economia política da comunicação (ROMANO, 2004, p. 147). Os meios aparecem como um instrumento sistemático para a dissolução da comunicação pessoal (ROMANO, 2004, p. 147), no sentido de que a tecnificação e comercialização da comunicação levaram à industrialização, com o objetivo de converter o indivíduo em receptor ideal (ROMANO, 2004, p. 147).

Pois então tem-se a tecnificação da comunicação como algo que também inverte o biotempo subjetivo, coisa que a Escola de Frankfurt também denuncia como algo inerente à Indústria Cultural. Mas aqui há um outro pensamento: “a ciência da

⁹ No original: El biotempo subjetivo es tiempo biológico, determinado por la edad, y no tiempo de calendario, determinado por la fecha. Y es éste el que al imponer sus ritos de calendario ejerce violencia simbólica contra el individuo. Entre los ritos de calendario de la sociedad industrial desarrollada se cuentan los tiempos de vacaciones, grandes y pequeñas, los tiempos fijos y ritualizados del trabajo, las fijaciones calendarias de la edad por el Estado (edad escolar, adulta, de jubilación, etc.) y otras. Así, el tiempo ritualizado de trabajo clasifica a la población en cuatro grupos: 1) los niños que aún no están incluidos en el rito del trabajo; 2) los grandes grupos de empleados, con ritmo de trabajo fundamentalmente industrial; 3) los veteranos que han salido ya del ritmo de trabajo; y 4) los grupos marginados de los parados. Participar o no participar en el rito del trabajo es también una cuestión de validez, y no sólo de garantía material de la existencia.

comunicação não só remete às relações e estruturas, (...) também considera a diferença entre os objetos como objetos materiais e como símbolos” (ROMANO, 2004, p. 147). Daí que a defesa da Ecologia da Comunicação é conservar relações e experiências, em que se estabelece um vínculo entre a comunicação e a ecologia humana. “Ocupa-se, por um lado, dos efeitos da técnica na comunicação humana e, por outro, da repercussão da comunicação tecnicada na natureza humana, na sociedade e no entorno físico (ROMANO, 2004, p. 148). Significa que há uma busca, de acordo com B. Mettler von Meibom, da “conservação de um mundo comunicacional intacto e adequado à experiência humana” (ROMANO, 2004, p. 149).

Até este ponto, parece-nos claro que Romano se preocupa não só com um retorno a uma comunicação pessoal, mas também que a influência da técnica cesse em equalizar as relações no espaço comunicacional do ser humano. Exige-se aí que haja uma descentralização da utilização da técnica a fim de que a comunicação não crie barreiras sociais, ideológicas ou políticas. Esta é a exigência de que os seres humanos tomem consciência e assumam sua responsabilidade ante seu entorno comunicacional, que pode ser alcançada a partir da educação desde a infância para um trato razoável com os meios (ROMANO, 2004, pp. 149-150).

O poder e o domínio dos conglomerados comunicacionais, que se utilizam da técnica para transformar o ser humano em receptor ideal, tornam-se um perigo para esta conservação. Se tomarmos como exemplo uma plataforma de filmes, como a *Disney Plus*, pode-se compreender que a forma de produzir e distribuir conteúdo tem mais a ver com a retenção de uma atenção que produz sensações imediatistas ou até mesmo hipersensações, a ponto de que haja, por parte do telespectador, um dever moral de defender o que lhe é oferecido, e que não aceita críticas ou comentários. Ao compreender que o *Universo Cinematográfico Marvel* é, na verdade, uma “receita de bolo” originada pela compreensão de Christopher Vogler acerca da *Jornada do Herói*, e aplicada massivamente nestes filmes e séries, é possível entender como somos objetos desta recepção ideal. Assinamos um serviço de filmes e séries que utilizamos mecanicamente, seja por fuga da realidade ou por vício, mas que nos dá a sensação de posse destas produções.

Por isto, então, é necessário analisar esta relação pelas perspectivas *microscópica* e *macroscópica*:

a) A perspectiva macroscópica estuda como incide a técnica na comunicação como um todo. Assim, por exemplo, pode-se afirmar que a natural vinculação espaço-temporal da comunicação se dissolve com alguns sistemas tecnológicos (o telefone supre o lugar, e a secretária eletrônica o tempo; b) a perspectiva microscópica analisa os efeitos da técnica nos elementos de um processo específico de comunicação. Trata-se, pois, da relação entre a técnica e os elementos estruturais *tempo, espaço, atores* (emissor-receptor, produtor-consumidor), *meio, mensagem*, assim como a relação entre a técnica e os elementos funcionais dos processos que transmitem sinais, informações, estabelecem relações e criam comunidades (ROMANO, 2004, p. 151).¹⁰

E conclui:

Daí que a ecologia da comunicação se mostra como uma tese teórica que investiga, por um lado, as repercussões da técnica na índole da comunicação humana (relação tecnologia-comunicação) e, por outro lado, dos efeitos da comunicação tecnificada na natureza humana (relação comunicação tecnificada-ser humano), na sociedade (relação comunicação tecnificada-sociedade/cultura/civilização), e na natureza extra humana (relação comunicação tecnificada-natureza extra humana) (ROMANO, 2004, p. 151).¹¹

Sendo assim, o propósito da Ecologia da Comunicação trata das conseqüências que se derivam das intervenções tecnológicas da comunicação sobre os seres humanos e natureza, a sociedade, a cultura e a comunicação como um todo. Por isso, por uma perspectiva macroscópica, deve-se compreender como a influência da comunicação tecnificada influencia os seres humanos: “se amplia ou restringe a liberdade, se favorece ou prejudica a saúde, se reduz ou prolonga a infância, se sobrecarrega, alivia ou instrui os sentidos, se limita ou fomenta a sensorialidade etc” (ROMANO, 2004, p. 152). Já a

¹⁰ No original: a) La perspectiva macroscópica estudia cómo incide la técnica en la comunicación como un todo. Así, por ejemplo, puede afirmarse que la natural vinculación espaciotemporal de la comunicación humana se disuelve con algunos sistemas tecnológicos (el teléfono no suprime el lugar y el contestador automático el tiempo); b) La perspectiva microscópica analiza los efectos de la técnica en los elementos de un proceso específico de comunicación. Se trata, pues, de la relación entre la técnica y los elementos estructurales tiempo, espacio, actores (emisor-receptor, productor-consumidor), medio, mensaje; así como la relación entre la técnica y los elementos funcionales de los procesos que transmiten señales, informaciones, establecen relaciones y crean comunidad.

¹¹ No original: De ahí que la ecología de la comunicación se conciba como tesis teórica e investigadora que trata, por un lado, de la repercusión de la técnica en la índole de la comunicación humana (relación tecnología-comunicación) y, por otro, de los efectos de la comunicación tecnificada en la naturaleza humana (relación comunicación tecnificada-ser humano), en la sociedad (relación comunicación tecnificada-sociedad/cultura/civilización), y en la naturaleza extrahumana (relación comunicación tecnificada-naturaleza extrahumana).

perspectiva microscópica se propõe a investigar a relação entre a comunicação tecnificada e seus processos físicos, psíquicos, sociais e espirituais do ser humano. “Colocam-se aqui questões como de quais processos desencadeiam o uso de um sistema tecnológico e quais consequências isto implica” (ROMANO, 2004, p. 152).

Para lidar com este fenômeno, a Ecologia da Comunicação se debruça em quatro elementos que constroem a sociedade e suas relações. Os *aspectos técnicos* dizem respeito à rápida evolução dos aparatos de comunicação, especialmente as que foram possíveis com o advento da eletricidade. Os *aspectos sociais* levam em consideração a premissa de que as sociedades se converteram em sociedades complexas de serviços e informação — o que, por este prisma, chamamos erroneamente de *sociedade da informação*. Os *aspectos científicos* têm a ver com os conhecimentos acumulados e as descobertas empíricas, e que estão acima da relevância social e pessoal. Por fim, os *aspectos individuais* dizem respeito às perturbações comunicativas que se transformam em causa e efeito da desorientação pessoal e social (ROMANO, 2004, pp. 62-63).

Aqui se encontra, de forma resumida, a proposta de Vicente Romano para sua Ecologia da Comunicação. Por ser uma teoria razoavelmente recente, introduzida em 1989, ela abre caminho para uma compreensão que leva em consideração os fenômenos sociais atuais, e ajuda a criar um modo de refletir que pode trazer respostas precisas sobre quem somos hoje. Como defende Vicente Romano, a comunicação ecológica não só transmite sinais e informações, mas também estabelece relações e cria comunidades. Compreende os aspectos sócio-culturais, informativos, relacionais e de meio ambiente na comunicação humana — o que o autor chama de *suprema cultura comunicativa*.

Em que pese toda a crítica sobre o aprimoramento tecnológico nas TIC, que impulsiona o capitalismo e aumenta a solidão (pois *informar* e *comunicar* são coisas diferentes), Romano aponta em seus trabalhos que a mídia primária é pouco explorada, e que as mídias secundária e terciária possuem mais palco nas pesquisas sobre comunicação. Sendo assim, para beneficiar a tese que será apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, e ampliar a discussão acerca da mídia primária, prosseguiremos com tal análise no próximo capítulo.

Mídia primária e biotempo

Em Harry Pross, é possível compreender a relação existente entre comunicação, as mídias e a cultura. O autor levanta a discussão de que isolar a comunicação do comportamento humano é tarefa difícil, uma vez que esta é criada a partir de casualidades e acordos tácitos e que, portanto, os meios pelos quais se dá tal processo devem ser perceptíveis e compatíveis (BETH; PROSS, 1987, p. 158). Assim como compreende Vicente Romano, a comunicação depende da dialética humana e busca um propósito: os fins comunicativos buscam os meios adequados, mas a acessibilidade dos meios relativiza e modifica seus fins (BETH; PROSS, 1987, p. 158).

Mais que um *homo faber* (ser que fabrica), o ser humano é um animal simbólico, ou seja, é da nossa natureza elencar e classificar os objetos e ideias que façam sentido e tenham níveis diferentes de utilidade. Assim, a inesgotabilidade dos meios que podem ser utilizados para a comunicação constitui uma esperança de continuidade do universo lógico, criado e desfeito à medida que as formas adquirem validade com signos simbólicos (BETH; PROSS, 1987, p. 159). Harry Pross nos mostra, assim, que existe uma relação entre os meios de comunicação e a intencionalidade, o que passa a construir realidades comunicativas. Importa, então, não só a combinação dos meios, mas a finalidade com que são utilizados:

A “realidade” que este estudo persegue se concebe como “construção social” de realidade, de base múltipla, de causas variadas, mas feita sempre pelos seres humanos, referindo-se aos componentes simbólicos desta construção, sua objetivação e os efeitos retroativos sobre os produtores, enquanto produtos destas comunicações. O objetivo da teoria é proporcionar orientações para a participação prática no processo comunicativo. Não deve mediar “a essência” das coisas, nem tampouco “a coisa em si”, ou a hipótese de um “mundo objetivo” fora dos processos de comunicação. Sob esta limitação seria tão somente uma questão de dominação e pôr-se de acordo para discutir sobre o que os participantes desta comunicação podem estabelecer como “real”, e se trataria de um ato de simbolização no âmbito discursivo (BETH; PROSS, 1987, pp. 160-161).¹²

¹² No original: La “realidad” que persigue el estudio se concibe como “construcción social” de realidad, de base múltiple, de causas variadas, pero hecha siempre por los hombres, referida a los componentes simbólicos de esta construcción, a su objetivación y al efecto retroactivo sobre los productores, en cuanto productos de estas comunicaciones. El objetivo de la teoría es proporcionar orientaciones para la participación práctica en el proceso de la comunicación. No debe mediar “la esencia” de las cosas, ni tampoco “la cosa en si”, ni siquiera la hipótesis de un “mundo objetivo” fuera de los procesos de comunicación. Bajo esta limitación sería tan sólo una cuestión de dominación y de ponerse de acuerdo en

Em Harry Pross, conhecemos a diferenciação entre os três tipos distintos de mídia: primária, secundária e terciária. A primeira é a mais fundamental, que é o corpo e a voz, o contato humano sem qualquer tipo de aparato: “recordemos que o meio de contato elementar humano permite uma comunicação sem instrumentos, o que denominamos por *meios primários* (BETH; PROSS, 1987, p. 162). O meio secundário é o que exige ao menos um aparato *pele lado do produtor* para que a informação se fixe no tempo e seja compartilhada. Diferentemente da mídia primária, que pode provocar a dialética, a mídia secundária está calcada na perenização e na (re)produção de símbolos, o que abrirá um novo mundo de compreensões e análises comunicacionais. Por fim, o meio terciário, que é aquele que necessita de aparelhos codificadores e decodificadores para transmitir mensagens. Incluem-se nisso o rádio, a televisão e os computadores. Esta última é mais profundamente calcada em uma transmissão unidirecional, e também gera estudos e discussões sobre seus usos e efeitos na sociedade.

Um dos elementos que compõem a mídia primária é o biotempo. Neste aspecto, Vicente Romano e Harry Pross estão alinhados, pois enquanto o primeiro nos explica o conceito e a utilização do biotempo, o último nos dá a ferramenta para tal práxis.

Neste sentido, uma das contradições mais sobressalentes e coercitivas é a que se dá entre o biotempo e o tempo do calendário. O biotempo subjetivo é tempo biológico, determinado pela idade, e não o tempo do calendário, determinado por datas. E é este que, ao impor seus ritos de calendário, exerce violência simbólica contra o indivíduo (ROMANO, 2005, online).¹³

Do ser humano foi-lhe arrancado o biotempo. O tempo para se alimentar é quando o relógio do trabalho o permite, e não quando sente fome. O tempo para descansar do trabalho também, e não quando se cansa e se necessita de uma pausa. A vida regrada pelo tempo do relógio e do calendário aprisionam o ser humano de forma que seu biotempo já não reflete sua realidade — pode, inclusive, tornar-se um empecilho. O tempo livre é ilusório, pois ele ainda está regrado pelo tempo do calendário, e mais ainda: está

discutir sobre lo que los participantes de esta comunicación pueden establecer como “real”, y se trataría de un acto de simbolización en el ámbito discursivo.

¹³ No original: En este sentido, una de las contradicciones más sobresalientes y coercitivas es la que se da entre el biotempo y el tiempo de calendario. El biotempo subjetivo es tiempo biológico, determinado por la edad, y no tiempo de calendario, determinado por la fecha. Y es éste el que al imponer sus ritos de calendario ejerce violencia simbólica contra el individuo.

emaranhado nas redes de informação, que docilizam e entorpecem as mentes com filmes repetitivos e redes sociais que confundem. O tempo livre se tornou uma escapatória da realidade, muito mais que o momento de consagrar o biotempo. Gasta-se horas em frente à televisão, ou do computador; as pessoas ficam ilhadas em seus cômodos com suas telas de *smartphones* captando apenas luzes, pois raramente leem o que está escrito nas publicações.

O domínio do tempo do calendário é o que caracterizará o comportamento das sociedades, uma vez que a vida se divide entre o trabalho e a busca por algum tipo de lazer. A vida urbana se move no sentido destas duas coisas, bem como o consumo. E o significado destas trocas resume-se em que “a socialização e o desenvolvimento da individualidade são as necessidade fundamentais que todos os assalariados têm que superar se não quiserem perecer” (ROMANO, 2005). Então o ser humano busca tarefas que possam promover senso de realização, seja no trabalho ou no lazer — ainda que todas elas continuem emaranhadas nas redes de informação, ou seja, que de alguma forma criam certa ilusão.

Se o tempo livre é individualizado, e direcionado para o uso dos aparelhos eletrônicos, então é de se concluir que as pessoas estão cada vez menos se relacionando a partir da mídia primária. O tempo de trabalho é o momento em que se utilizam as TIC para realizar as tarefas do dia, do tempo do calendário. Ainda que o trabalho seja executado em equipes dentro de um local de trabalho, a relação tem se tornado cada vez mais mediada por telas. No tempo livre, que é a fuga ilusória do tempo de trabalho, utiliza-se as TIC para a fuga da rotina de trabalho. Assistir a programas de TV ou passar o tempo nas redes sociais tornou-se o costume dos nossos tempos.

Nas condições atuais, o tempo livre se apresenta como um tempo que se cobre de forma basicamente individual. Por outro lado, constata-se que o lugar é o principal espaço onde se realizam as atividades de ócio cotidiano. Surge aqui uma dicotomia na relação-oposição entre os tempos de lazer e trabalho, dicotomia que se sobrepõe à divisão já mencionada nas pautas de atividade de cada um. O trabalho-atividade alienado se leva a cabo de forma coletiva, em cooperação, enquanto o tempo livre é relegado ao nível individual, ou à esfera familiar. Mas, quando os objetivos e horizontes da vida se reduzem à existência familiar, às capacidades e conhecimentos individuais como base de reconhecimento e identidade, o indivíduo se isola dos demais,

sobretudo os da sua classe, anulando assim a perspectiva de liberação coletiva (ROMANO, 2005, online).¹⁴

As relações pela mídia primária se tornam cada vez mais pontuais. Estão nos encontros com prestadores de serviços — como vendedores e atendentes — ou nas relações familiares, mas todas estas são fragmentadas. O que a Ecologia da Comunicação busca, portanto, é que haja uma relação mais estreita com o biotempo e a mídia primária, ou seja, que o tempo de lazer seja utilizado de forma a solidificar as relações entre os seres humanos. As atividades que são executadas fora das TIC privilegiam os recursos oferecidos pela mídia primária, como o gestual, as expressões faciais e o toque, elementos que inconscientemente criam laços mais estreitos entre as pessoas. As relações mediadas por telas, mais uma vez, criam uma sensação ilusória de intimidade e proximidade, e isto pode acarretar em comportamentos diferentes dos que são a base da construção das sociedades e as relações interpessoais.

Respeitar o tempo do corpo, comunicar-se com a voz e os gestos podem ser atos de libertação das tecnologias de informação e comunicação, além de ganho em nível pessoal. O foco do tempo livre deve ser o domínio de si mesmo, e que não seja manipulado pelas TIC. A Ecologia da Comunicação apregoa, assim, que se fomente as relações pessoais, que são enriquecedoras, e que se evite as relações entre objetos, que empobrecem e mutilam a personalidade.

Considerações finais

Compreendemos, a partir deste texto, que a Ecologia da Comunicação é uma crítica aos processos comunicacionais atuais. Considerados como uma forma de transformar o ser humano em receptor ideal, desconsiderando suas idiossincrasias e transformando-o em consumidor, as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) cumprem uma agenda mercadológica que tem afastado os princípios fundamentais da

¹⁴ No original: En las condiciones actuales, el tiempo libre se presenta como un tiempo a cubrir de forma básicamente individual. Por otro lado se constata que el hogar es el principal espacio donde se realizan las actividades del ocio cotidiano. Surge aquí una nueva dicotomía en la relación-oposición entre los tiempos de asueto y de trabajo, dicotomía que se sobrepone a la escisión ya señalada en las pautas de actividad de cada uno. El trabajo-actividad alienado se lleva a cabo de forma colectiva, en cooperación, mientras que el tiempo libre es relegado al nivel individual, o a la esfera familiar. Pero cuando los objetivos y horizontes de la vida se reducen a la existencia familiar, a las capacidades y conocimientos individuales como base de reconocimiento e identidad, el individuo se aísla de los demás, sobre todo de su clase, anulando así la perspectiva de liberación colectiva.

comunicação interpessoal. Assim, a Ecologia da Comunicação é uma conscientização sobre a utilização da comunicação que seja humana, ética e responsável.

A técnica é utilizada como uma mediadora das mensagens, que pode intervir com propagandas, direcionar assuntos por meio de algoritmos e criar ambientes com pouca proximidade. Está aí, então, a diferença entre *comunicar* e *informar*. Hoje, as TIC permitem que a comunicação seja feita de forma altamente veloz, pois ao preço da impessoalidade e da efemeridade. Uma conversa de bar acompanhada de um copo de cerveja é o suprassumo da comunicação ecológica e humana; quando esta mesma conversa acontece em um *software*, como *Google Meet* ou *Skype*, e as pessoas trocam *vale-cervejas* por meio de algum *website*, temos aí um exemplo de como a impessoalidade e a técnica prejudicam a comunicação humana.

O respeito ao biotempo e a vigilância sobre o uso dos meios eletrônicos tornam-se um imperativo para a construção de relações pessoais mais saudáveis. A ideia de que o tempo de lazer é um tempo de liberdade torna-se, assim, ilusória, pois costuma-se “matar” o tempo dentro das próprias TIC, em que somos alvos da indústria cultural moderna, e fragmentamos as relações com amigos e familiares para criar outros tipos de relações, que são mediadas por tela.

Ao passo em que compreendemos e consideramos tudo que nos conecta, como nossa língua, nossa identidade, nossa cultura ou nossos ideais comuns, a Ecologia da Comunicação se tornará o pavimento para utilizarmos os meios de comunicação de forma educadora e responsável, e não apenas como instrumentos para o consumo. Como seres dialógicos, a comunicação tem o papel de aproximar levando em consideração o que nos permeia e influencia. Assim como temos o embate entre burguesia e proletariado, entre quem tem muito e não tem nada, estamos igualmente diante do confronto entre os senhores das TIC e a solidariedade humana.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BETH, Hanno; PROSS, Harry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Editora Anthropos, 1987.

PROSS, Harry; ROMANO, Vicente. **Atrapados en la red mediática**: orientación en la diversidad. Hondarribia: Editora Hiru Argitaletxea, 2000

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editora Hiru Argitaletxea, 2004.

ROMANO, Vicente. Educación ciudadana y medios de comunicación. In: **Revista de Educación**. N. Extra 1, ISSN 0034-8082, 2003, pp. 391-401.

ROMANO, Vicente. El dominio del tiempo. In: **Rebelión**. 2005. Disponible em: <https://rebelion.org/el-dominio-del-tiempo/>. Acesso em: 15 set. 2022.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.